



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 17, número 1, jan-jun, 2024, pág. 756-779

Reflexões e relato sobre o colapso colonial e a esperança por uma Psicologia do Bem Viver

Reflections and report about the Colonial Collapse and the Hope for a Psychology of Good Living

Reflexiones y relato sobre el colapso colonial y la esperanza de una psicología del buen vivir

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto¹

Resumo

Este texto é o resultado de uma conferência apresentada no VII Encontro Regional Norte da ABRAPSO, ocorrido em junho de 2023, em Santarém/Alter do Chão (Pará). Trata-se dos sentidos e experiências de uma pessoa negra, homoafetiva, amazônida e autista que sentiu o impacto dos múltiplos sistemas de corrosão da vida que a cisão humanitária colonial produziu. A linguagem no texto é uma forma de transgressão feita na insurgência de quem vive de modo forasteiro no mundo moderno colonial e estabelece outros modos de relação com as palavras e suas construções narrativas. Sob considerações decoloniais, temas como humanidade colonial, exploração da Natureza e as possibilidades de uma Psicologia do Bem Viver são abordados a partir de uma perspectiva fenomenológica.

Palavras-chave: Diferença ontológica; Humanidade colonial; Psicologia do Bem Viver

Abstract

This text is the result of a conference presented at the VII Northern Regional Meeting of ABRAPSO, which took place in June 2023, in Santarém/Alter do Chão (Pará). It is about the senses and experiences of a black, homoaffective, Amazonian and autistic person who felt the impact of the multiple systems of corrosion of life that the colonial humanitarian

¹ Doutorando em Psicologia Clínica (Unisinos). Mestre em Psicologia (Unir). Especialista em Terapia Familiar Sistêmica (Cefatef). Bacharel em Psicologia (UniFacimed). Docente da Escola da Magistratura de Rondônia (Emeron). Analista Processual em Psicologia no Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO). E-mail: leandro.missiatto@gmail.com



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

split produced. The language in the text is a form of transgression made in the insurgency of those who live outside in the modern colonial world and establish other ways of relating to words and their narrative constructions. Under decolonial considerations, themes such as colonial humanity, exploration of Nature and the possibilities of a Psychology of Good Living are approached from a phenomenological perspective.

Keywords: Ontological difference; Colonial humanity; Psychology of Well Living

Resumen

Este texto es el resultado de una conferencia presentada en el VII Encuentro Regional Norte de ABRAPSO, que tuvo lugar en junio de 2023, en Santarém/Alter do Chão (Pará). Se trata de los sentidos y vivencias de una persona negra, homoafectiva, amazónica y autista que sintió el impacto de los múltiples sistemas de corrosión de la vida que produjo la escisión humanitaria colonial. El lenguaje en el texto es una forma de transgresión hecha en la insurgencia de quienes viven afuera en el mundo colonial moderno y establecen otras formas de relacionarse con las palabras y sus construcciones narrativas. Bajo consideraciones decoloniales, se abordan desde una perspectiva fenomenológica temas como la humanidad colonial, la exploración de la Naturaleza y las posibilidades de una Psicología del Buen Vivir.

Palabras clave: Diferencia ontológica; humanidad colonial; Psicología del Bien Vivir

Este texto foi apresentado na conferência de encerramento do VII Encontro Regional Norte da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), ocorrido entre os dias 15 e 17 de junho de 2023, em Santarém/Alter do Chão (Pará), que teve como lema: “Existências que produzem saberes em defesa dos territórios”. A presente versão sofreu algumas alterações para que se adequasse ao escopo da revista e pudesse, de alguma forma, ser entregue ao público, porém parte de uma ideia de artigo que, ainda que compactue com a cientificidade, foge à norma dos termos engessados de padrões que desprezam a expressividade e integralidade das vivências em detrimento de uma forma



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

gélida de falar. Não obstante o leitor poderá encontrar no presente trabalho falas que compõem um relato de experiência, permeado em bases teóricas que ressaltam e validam cada fala para fins de comprovação na prática do que fora vivido e dito em algum momento por vários autores. Grande parte do que foi pronunciado em Alter do Chão (distrito de Santarém-PA), permaneceu pela livre decisão de estar, pois há uma liberdade suada nestas ideias, algo custosamente conquistado cujo desprezo, mesmo delicado, seria hediondo.

O objetivo é percorrer fenomenologicamente por experiências do autor – pessoa negra, homoafetiva, pertencente ao espectro autista, amazônico –, ao mesmo tempo, tecer considerações acadêmicas sobre a interseccionalidade da opressão colonial e os desafios para uma Psicologia do Bem Viver.

O texto foi escrito em uma linguagem disruptiva ao modo tradicional de produção científica em que impera a colonialidade do saber. Mais do que elaborar reflexões a partir de pensadores e pensadoras acadêmicos, a linguagem aqui utilizada reivindica simbolicamente o direito à diversidade de pensamento e expressão de ideias dentro do âmbito científico. Portanto, não estranhe os pequenos abismos entre as palavras; o entendimento aqui é uma conquista que exige um pouco mais de abandono do que àquele ao qual nos habituamos ao viver dormente sob a ordem imperiosa das coisas prontas. Escrever estes relatos me permitiu um tipo único de entrega que temo não alcançar novamente. Aqui escrevi vivo, feito gente desperta antes da chegada da primeira luz do dia.

A captura da alma e os estilhaços da vida

A violência não veio em um único golpe, a maldade foi disposta em ondas de brutalidade que desceram como rajadas tempestuosas sobre a vida dos povos do Sul, não havendo tempo para que resguardassem



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

daquela grosseira nem mesmo os elementos mais sagrados sobre os quais gravitavam suas existências.

Convicções de vidas inteiras, tecidas no fundo mais fundo do incógnito da existência, foram perturbadas por uma ordem feroz de ilusões forjadas na precariedade da consciência europeia. O que despedaçou o sagrado dos povos originários e africanos não foi o poder europeu como fomos obrigados a acreditar; muito longe disso, a força da desordem colonial verteu justamente das misérias europeias, debilidades que ao longo de sua própria história civilizacional semeou o mal que a corrompeu de dentro para fora (Missiatto, 2020). O ovo da serpente já vibrava no coração do velho continente muito antes que cravassem suas garras na carne da América Latina (Galeano, 2010).

A historiografia pouco, ou quase nada, foi capaz de questionar os fundamentos da crise humanitária da Europa pré-colonial, como se as infames bases de sua sustentação não tivessem ramificado uma razão convalescente sobre os territórios que passavam a conhecer e, a partir da truculência a qual estavam acostumados, forçar sobre o mundo um padrão cosmológico que instituiu à imagem do colonizador como referência homogênea de humanidade. Essa noção de “humano” é profundamente problemática desde sua gênese, já que a exclusão das diferenças e o descolamento de nossa espécie da Natureza passaram a ser princípios norteadores da sociedade moderna. E se hoje estamos a enfrentar a maior crise de nossa história é justamente porque a construção do que temos chamado de vida social, simplesmente não é vida, o que temos fartamente em nossas mãos é a morte, aguda, volumosa e bruta. Estamos a morrer há muito mais tempo do que podemos imaginar.

Por essa razão e para tecer acerca disso faz-se necessário explorar alguns termos, para prosseguir nesta jornada disruptiva, o primeiro é a colonialidade, palavra apresentada por Aníbal Quijano cuja função é retratar o poder opressivo executado na América Latina e Caribe



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cujo nascedouro foi a colonização destes territórios. A colonialidade, enquanto sistema de poder deriva da colonização, portanto, não deve ser entendida como sinônimo daquele regime, pois a colonialidade é muito mais complexa e sofisticada que a colonização, já que atua precipuamente na intersecção dos sistemas de exploração da vida por meio de dispositivos cada vez mais eficientes e velozes na capacidade de afetar um número maior de vidas, tanto quanto na habilidade de alcançar maior profundidade nos danos. Portanto, a colonialidade consiste no “espírito” voraz da modernidade que age para explorar grupos sociais minorizados – ou seja, feitos de minoria – e a Natureza.

O erro historiográfico formulou a ideia persistente que paira sobre as sociedades modernas como uma névoa que impede visão mais precisa sobre a realidade: o caos promovido pela colonização e os reflexos, não menores, da colonialidade tendem a ser assumidos como resultados imediatos do encontro colonial (Dussel, 1992). Tal proposição oculta o fato de a Europa ter se firmado socialmente como um continente arcaico, ao menos no que se refere ao cuidado amplo da vida, já que para eles a vida era uma categoria material enfraquecida pela limitada capacidade filosófica, política e social que possuíam de compreender a ordem sistêmica do mundo. O prejuízo de uma verdade cosmológica encarnada na vida diversa e plena os levou à construção de nações nada alinhadas à dimensão real de nossa organicidade e subjetividade enquanto espécies.

A gênese da maldade do mundo colonizado reside na história fundacional da Europa a partir de suas noções destrutivas sobre o humano, a vida, os sagrados e a Natureza (Ferdinand, 2022; Missiatto, 2021). A história da Europa é a própria história da evasão humana decorrente da hierarquização da vida, fosse na distinção homem x mulher, soberano x vassalo, cristão x não cristão, o fato era que inúmeros eventos naquele continente confluíam para esse padrão de segmentação humana.



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Quando na colonização do Sul-global aprofundaram essa tradição de segmentação, contudo, todos que não refletissem à imagem europeia foram para a outra dimensão de ontologia, sendo configurados como animalizados, incivilizados, despiritualizados, etc, o que formou uma dicotomia ontológica que segregou os povos dos territórios ocupados, bem como a Natureza. Essa diferença ontológica é elemento necessário e antecedentes a todas outras formas posteriores de violação da vida.

Sabemos bem que a colonização agiu pelo princípio fundamental de destituir ou mesmo negar a humanidade de africanos e indígenas escravizados (Césaire, 1978; Fanon, 1968). A negação da semelhança foi o epicentro do conflito que capitaneou diversos dispositivos para exploração dos não europeus. Dessa assimetria ontológica irradiaram formas distintas de opressão que, com o tempo, fundira seus tentáculos em procedimentos de violação da vida cada vez mais sofisticados e terríveis em suas capacidades de destruição. A noção de humanidade limitada à complacência do colonizador é, portanto, o fenômeno que fraturou profundamente o *continuum* ontológico da humanidade forjando uma grave linha abissal a separar humanos e inumanizados (Lugones, 2014). Perceba que a natureza do problema da formulação do conceito de humanidade na modernidade não se situa meramente na exclusão de certas pessoas das instâncias ontológicas que norteiam a distribuição de recursos de vida, mas na própria noção desse conceito que implicou na formação especulativa do poder hierárquico do sujeito colonizador sobre as outras formas de vidas.

Ocupo-me pensar essas questões a partir do que tenho chamado de *diferença ontológica* (Missiatto, 2022), uma dimensão da modernidade que considero ser a base material e imaterial de formação colonial da modernidade. Não se trata de pura metafísica ou academicismo exacerbado, mas de movimentos materiais que determinam o modo de vida de milhões de humanos e não humanos. É essa diferença que



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

garante quem haverá de comer, habitar territórios, ter acesso ao trabalho seguro e protegido, à educação, à saúde, à alimentação, e aqueles que cairão em virtude da desidratação de suas cidadanias. A diferença ontológica elabora uma fronteira de vida que separa em condições físicas e simbólicas os seres humanos entre si e em relação à Natureza. De um lado habitam os que, sendo reconhecidos como humanos, desfrutam dos direitos instituídos no corpo legal das democracias, enquanto do outro, estão os que foram forçados a residirem na dimensão da inferioridade determinada pela desfiguração da humanidade.

As pessoas que não materializaram os dispositivos da norma colonial fracassaram não porque não tivessem tentado, ou se tentaram, tentaram mal, o que as impediu foi justamente a impossibilidade da conversão de certos marcadores sociais de humanidade, elementos inacessíveis em suas próprias constituições à transformação. As estruturas modernas de humanidade não foram feitas para serem vencidas, embora discursos variados tentem acomodá-las no imaginário social como suscetíveis à superação (Gumbrech, 2020). A verdade é que grande parte dos fatores que humanizam não podem ser alterados em suas substâncias, por exemplo, a cor da pele, a origem de nascimento, a sexualidade, a condição física de deficiência etc.

Seria por si só desafiador o desmonte das normas coloniais em suas estruturas, contudo, a complexidade mais aguçada desses padrões não está no modo de elaboração da segregação, mas nas artimanhas visíveis e invisíveis que engendram o pertencimento e o não pertencimento à humanidade colonial, ou seja, ao campo dos direitos e garantias fundamentais de vida e bem viver. Outro aspecto da violência colonial está na letalidade da imposição do antagonismo como um problema, o que estabelece o confronto entre os humanos coloniais com as diferentes formas de vida como um padrão de relação intersubjetivo entre pessoas e entre elas e a Natureza. A fomentação da inimizade é o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que autoriza a violência e inibe a compaixão e empatia, instrumentalizando o ódio contra as diferenças ao padrão hegemônico (Mbembe, 2017). De tal modo, não custa compreender que a formação da humanidade sob perspectiva colonial levou à cisão entre grupos de pessoas e conduziu a vida planetária a um modelo severo de exploração, cujo resultado mais expressivo é a crise socioambiental que atravessamos.

A proteção da humanidade colonial gerou uma força impiedosa que esfacela em nós as condições pessoais de representar o ser genuíno que nos habita. A obstrução do senso coletivo e pessoal de ser uma vida em pertencimento humano e ecológico ocorre, entre outros meios, pela deformação das identidades, soterramento das histórias locais, desqualificação das demandas, simbolização permanente de seus corpos, mentes e espiritualidades na dimensão do exótico e disfuncionalidade. Esses processos engolem esforços incontáveis de uma vasta diversidade de pessoas que ao longo de milhões de anos construíram nossa espécie e sociedade, e ao imporem a opressão aos que não pertencem à humanidade colonial, fomentam processos destrutivos que têm levado todo o planeta à beira de um abismo que pode ser considerado atualmente como nossa última e maior fronteira.

A diferença ontológica coloca, ao instituir uma norma humana centrada nas referências coloniais e ao destituir dos grupos subalternizados o direito material e simbólico à vida, um grande contingente de seres – humanos e não humanos –, em um colapso psíquico e estrutural de difícil superação, pois drena das pessoas, neste caso, a capacidade de articular uma noção específica de identidade que esteja profundamente ancorada no afeto e cuidado, aspectos essenciais da nossa condição de ser.

Pensar a cisão humanitária como processo fundador das estruturas sociais modernas de desigualdades, é um caminho que inevitavelmente



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conduz à consideração da natureza beligerante dos mecanismos que destituem de certas pessoas os elementos essenciais para seu reconhecimento, individual e coletivo, como membros valiosos da sociedade. Contudo, a constatação da materialidade da opressão não é suficiente para dimensionar os danos subjetivos ocasionados nas pessoas que tiveram suas vidas deterioradas pela opressão. Portanto, mais do que conhecer as estruturas que violentam a vida dos povos e da Natureza subalternizados, necessitamos penetrar o lócus da dor produzido pela negação da humanidade, e neste lugar de difícil acesso, tocar as feridas abertas, imagens verossímeis das tragédias dolorosamente acumuladas.

Tal feito nos exige mais que disposição cognitiva, mas um ato de coragem da alma, algo feito em único golpe, mas ainda assim, forte o suficiente para que possamos penetrar o coração ferido da vida e no centro da dor encontrar o Sagrado ancestral, muitas vezes em posição de miséria e abandono na qual foi abandonado, contudo, ainda feito, ele próprio, de esplendor. A coragem demandada para esse tipo de trabalho é algo luminoso carregado de sensibilidade custosamente conquistada durante a execução da vida, pois o que se toca demanda cuidado. Trata-se de algo frágil, feito com as primeiras luzes que desceram sobre o universo, como sopro de vida que se estendeu sobre o tempo e que avançou rumo à eternidade feito uma flecha atirada contra um alvo imóvel. O que se toca é a vida, acontecendo com a vontade típica de uma boca seca em agonia por umidade. É a vida em plena manifestação de profundidade escura. Não há espaços para considerações, apenas o cair vertiginoso de uma consciência despida de um antes, repleta apenas do agora, voluptuoso e movediço.

Destroços, perdas e resistências: relato da agonia da vida subalternizada



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na primeira parte deste texto procurei me ocupar com os elementos teóricos que retratam a cisão humanitária colonial como processo elementar para formação das desigualdades. É evidente que tais análises muito têm a contribuir com o aprofundamento dos conhecimentos sobre as estruturas de opressão, contudo, há algo escorregadio, algo que esgueira nossa capacidade argumentativa, algo que reside no campo da experiência. Algo pontiagudo cravado na carne e que fere a cada mínimo movimento de vida. É nesse lugar machucado, onde o sangue lava o corpo e a mente, que habitam os sentidos da desumanização, qualquer coisa fora disso é apenas uma visão nebulosa a respeito da superfície fria da realidade. O que vibra em verdade é o coração selvagem do mundo, lugar onde o silêncio paira sobre as palavras de libertação e as envolvem em um abismo cuja profundidade ainda desconhecemos. O que flameja é o olhar lunar de quem foi atravessado pela flecha da exclusão e preconceito.

Eu era apenas uma criança, em seu estado natural de glória, quando fui invadido por marcadores sociais que converteram as estruturas de minha existência em essencialismos convenientes à opressão, sem tempo para que compreendesse que, mais do que golpes enunciativos, o que vivia se tratava da produção física de um corpo disponibilizado à opressão e aniquilamento. Era apenas um menino negro, gay, autista, nascido no coração profundo da Amazônia quando fui elaborado aos olhos dos outros em uma identidade zoológica: meus desejos, meus afetos, minha cognição e espiritualidade foram reduzidos, por alguns irmãos e irmãs heterossexuais, a um “viado”, a uma “bixa”, e para alguns brancos, a um “macaco”. Fixavam-me no campo devastador da animalidade, destituíram-me da capacidade inventiva de mim mesmo, enquanto roubavam de mim a intelectualidade, força física, criatividade e esperança. No cárcere da inumanidade não mais podia tocar o leve véu da vida, estava tomado por sentimentos “enlameçados” que se moviam



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em minhas veias como o sangue inválido de uma vida desperdiçada antes mesmo que acontecesse.

Durante longo tempo pensei que as minhas marcas pertenciam às mãos que violaram minha carne; o que era meu não passava dos resultados da experiência da desordem emocional. Foi um engano. Tudo me pertence. Meu corpo e minha mente são reflexos expressivos da vida que vivi, cada centímetro das lesões na alma, cada gota de suor derramado na tentativa de ocultar a dor, ainda são meus. O que a eles pertence não sou capaz de expressar, permito-lhes o caminho pessoal do reconhecimento de suas próprias mazelas, o fardo deles é a constatação da tragédia que construíram, da deformação do mundo, da antecipação da morte coletiva. O peso dos algozes existe para além das negações que foram elaboradas na vergonha que custam reconhecer.

Há algo fraturado em quem oprimiu a vida, algo perdido que ainda buscam encontrar. Eles se perderam antes que nossas vidas fossem postas em ruínas e quando isso aconteceu seus ossos foram quebrados por uma força que não se sentiram capazes de vencer. Eu imagino a dor daqueles que perderam a esperança quando ainda o sol brilhava, do medo se formando em suas almas e evoluindo sobre suas vidas como uma maldição. Eles morreram antes de nós e quando desistiram de viver permitiram que a pior parte de suas almas crescesse como fundamento de suas existências.

A incapacidade em lidar com seus limites fez com que corrompessem toda a realidade, convertendo as precariedades em valores e os supremos valores da vida, em quesitos dispensáveis à ordem da vida. A vergonha foi convertida em orgulho e a morte se alastrou como um gás a preencher até os lugares mais íntimos da sociedade, porque dela foi extraída a ilusão de vida dos opressores.

Vejo essas coisas com os olhos já cansados de testemunhar o nível da debilidade que hoje sustenta inúmeras nações e as encoraja a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

executar a maldade e morte, como se não fosse possível outra estratégia política que não a dizimação de cidadãos nunca incorporados materialmente em seus regimes de governos.

Desde que nasci não foi com a vida com quem aprendi a existir. Estive longe dos saberes e liberdades necessários para elaboração da existência. Minha cotidianidade foi marcada por uma pedagogia da morte. Aprendi a não morrer de fome, medo, violência, exclusão. Resistir não foi estratégia de vida, sim de morte, pois era nela que pensava a maior parte do tempo, dela que fugia quando elaborava a resistência. Viver intermitentemente na resistência era de certo modo sofrível porque resistir implicava em manter a consciência em estado constante de alerta. Resistir era uma demonstração trágica do fracasso social que pesava sobre nós, problemas que não nos pertenciam, senão pelos prejuízos.

Enquanto crescia na resistência não me sentia forte, embora os sentidos naturais da resistência esboçassem uma força que penso nunca ter possuído. Na verdade, estava longe desse lugar, residia era no cansaço, na fadiga de ter que pensar meios de não ceder ao preconceito na escola, na igreja, na rua, na própria família. Sentia-me drenando por uma luta invisível que somente eu sabia lutar, uma luta que subtraía de mim um tempo de vida precioso que necessitei direcionar para conquistas de coisas óbvias que muitos nunca precisaram disputar. Meus embates foram por coisas como não ser humilhado, caminhar na rua sem ser insultado, poder sentar em qualquer lugar sem receber um olhar atravessado por preconceitos, por poder dizer eu te amo a luz do dia. Enquanto coisas básicas já pertenciam a alguns como direitos de nascença, fui obrigado a empreender muita energia para conquistar coisas que não pude chamar de básicas, mas de grandes vitórias. Ninguém deveria ter que conquistar o básico. Não deve haver orgulho social nisso.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Quando recupero essas memórias ainda frescas com o espanto das coisas vividas, padeço na busca por palavras para representar a força do mal inoculado pela opressão colonial em nossas vidas, povos do Sul. Busco nos escombros do dia a dia langoroso que vivemos ao menos uma palavra, por menor que seja, capaz de nos dar a libertação que centenas de vidas estilhaçadas e sepultadas no profundo da indiferença social ainda esperam. Mas o que busco não encontro.

Não encontro as palavras porque o assombro dessa violência precedeu ao espaço mágico em que são feitas. O que busco como representação linguística é ainda algo a se fazer. Temo, contudo, não chegar a tal conquista, porque a dor da inumanidade é muito maior que a capacidade cognitiva de dimensioná-la. Mas ainda assim, por vezes tento rasgar o tecido da vida em busca de algo que sei existir distante de pele, como se estivesse à procura da cura para alma, um sopro de bem-aventurança que despertasse a existência adormecida do mundo e pudesse revelar o êxtase esquecido da vida. A cura seria o confronto definitivo com as sombras, com as partes secretas, negadas, seja por vergonha, falta de coragem ou mesmo por apreço às estruturas que aprisionam a vida, ou ainda, por já termos perdido a capacidade de recomeçar e fazer caminho diferente ao pantanoso que temos chamados de sociedade moderna. A cura existe e é possível, contudo, seu processo impõe olhar com abertura a inumanidade produzida pela violência colonial e chegar ao lugar mais fundo dessa tragédia, para só então, depois de transpassados os limites de nosso conforto e estabilidade, edificarmos nova história.

A inumanização fez nascer na agonia pessoas afonizadas de seus sentidos. Nossas carnes foram feitas de um afiado silêncio formado pelo fogo corrosivo da inferiorização. Em nossas gargantas há uma represa feita pelas interjeições impostas pela cultura colonial que impede que o grito das dores exploda sobre o mundo verdades necessárias para



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

demolição da opressão. O silêncio é o lugar de vida de quem foi constantemente sujeitado, além da tortura, às desqualificações de suas aflições.

Quando os primeiros afetos humanos desabaram dentro de mim, ruindo a genialidade e a esperança que a vida mesma havia encarregado de me dar, vi os olhos de minha mãe ficarem úmidos. Ela nunca disse que eu não era um viado, nunca falou que eu era humano, pois ela também tinha uma represa colonial em sua garganta. O que nos unia era a incapacidade de darmos, um ao outro, a palavra de amor – a verdadeira redenção. O silêncio era mais que uma ausência, mas amálgama de nossas vidas.

Testemunhei também o silêncio de meus professores que se ocupavam dos currículos enquanto o que me corroía era a possibilidade em ser notado e insultado. O silêncio deles era uma segunda opressão; sentia a necessidade de seus afetos, mesmo que gotejassem em pequenas partículas de piedade. Mas sabia que eles eram outras pessoas exploradas, convivendo com suas próprias atrocidades diárias.

Contudo, a opressão colonial seria mais que o silêncio, eram olhares, impedimentos, afetos negados, enfim, toda uma vida que curvaria meu corpo inúmeras vezes, e em todas elas eu diria que não cairia ao peso de sua maldade. Essa era uma verdade inventada, uma mentira crua feita para acreditar que não cederia, apesar de saber que já havia tombando e corria ferido na grande noite como uma fera selvagem atingida pela bala metalizada do caçador. Mentia dizendo para mim que seria capaz de ser feliz, que resguardaria o amor e enfrentaria o ódio com altivez, mesmo quando o que realmente tinha era o rosto árido atravessado por gotas pesadas de lágrimas. Mentiria para mim porque desejava dar ao mundo uma esperança delicada mesmo que tingida de escarlate. Mentiria como forma de sobrevivência. Mentiria porque não



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

seria capaz de sustentar uma vida feita de robustas realidades opressivas.

O que o mundo chamava de vida, era para mim apenas calamidade.

Descobri pelas circunstâncias que o peso da inumanidade gera em nós uma cegueira que não pode ser a diretriz de nossa insurgência. É pela força da dor que retomo com insistência, que apesar do encontro colonial consubstanciar na modernidade um padrão de desumanização vasto e profundo a ponto de ser ele mesmo a gênese de toda sorte de exploração da vida, humana e inumana, ainda assim não se trata de uma invenção europeia elaborada aos espantos do encontro com a diversidade, é evidentemente o inverso dessa consideração a base da formação da diferença ontológica. O desastre humanitário imposto pela colonização se trata, sobretudo, do acirramento de uma tradição do velho continente na assimetria entre pessoas e entre humanos e Natureza.

Não existia na Europa pré-colonização uma grave acepção de humanidade entre homens e mulheres? (Federic, 2004). Não havia na Europa pré-colonização a natureza segmentária de classes que distinguiam em direitos fundamentais os nascidos na nobreza e os empobrecidos na plebe? (Le Goff, 2007). Não era esse o continente em que o cristianismo já propagava letalidades com as guerras medievais das santas cruzadas? (Barros, 2009). Como veem, a Europa já estava corrompida em sua capacidade ética de produzir uma noção humanitária inclusiva e pluridiversa.

Fora dos limites ibéricos existiam mundos diversos, com cosmovisões milenares que colocavam o humano em face de humilde pertencimento à mãe Terra (Ferdinand, 2022). Havia centenas de distintos modos de vida em que o poliamor, uma consideração moderna, estava bem sedimentado na vida dos povos originários sem incitar nenhuma pretensão abusiva a partir da reacionária perspectiva monogâmica (Lugones, 2020). O mundo era consagrado pelos encantados das florestas, os orixás da grande mãe África – em uma relação indissociada



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entre humano, natureza e espiritualidade –, lançavam sobre o mundo suas bênçãos (Krenak, 2019). A diversidade de toda essa riqueza caminhou em rota de colisão com os valores assimétricos, bivalentes e segregacionistas do Ego europeu.

Disso dois caminhos se formaram: poderia a Europa curvar sua indolente presunção e se abrir a novos modos de execução da vida, ou, se fechar em defesa de seus próprios argumentos, forçando a isso a retomada da violência como mecanismo básico de autodefesa. Todos sabem qual foi a escolha, pois o que vivemos é o dissabor da fraqueza europeia, o amargo gosto da inabilidade daquele continente em se emaranhar na divina manifestação das diferenças (Missiatto, 2020). O fortuito de nossas vidas decorreu da mácula entranhada e capilarizada na história e vida dos povos europeus.

De resto, a destruição universalizada pela hegemonia dos colonizadores converteu o mal em necessidade, a dor em recurso indispensável à vida moderna, a exploração como meio natural de sustentação da vida social (Adichie, 2019). A segmentação odontológica cindiu não apenas a humanidade, mas sublevou os sujeitos normatizados nos perímetros da humanidade a uma hierarquia radical que colocou em profundo desnível todas as demais formas de vida (Diop, 1955). Assim como os corpos negros e indígenas eram *commodities*, a água, os produtos da terra, a madeira, a terra em si e seus minerais não passaram de recursos financeiros a sustentar os privilégios humanos dos sujeitos hegemônicos - brancos, cisheterossexuais, cristãos, nortecêntricos, masculinidade hegemônica (Ferdinand, 2022).

E eles arrasaram a terra com a mesma violência e brutalidade com que deceparam de nossas vidas a humanidade. Fundaram Estados altamente capacitados em deflorar a Natureza como uma escrava sexual. O que chamaram de negócio agropecuário, não passou da reconfiguração do patriarcado em relação com a terra, o masculino hegemônico



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(agronegócio), o feminino (a terra) - invadida, estuprada, exaurida de sua força vital, e abandonada à própria sorte (Gil, 2023). A execução da ordem colonial sobre a Natureza fez avançar o fim que nos chegou mais cedo do que o necessário e mais doloroso do que somos capazes de suportar.

A floresta (Amazônica) foi vista aos olhos do colonizador como um amontoado de desapontamentos, formalizando nos descendentes diretos da colonização da Natureza a ideia de que a mata não passava de um vasto “nada”.

Inúmeras são as narrativas orgulhosas que dizem: *quando cheguei aqui não tinha nada, agora eu tenho tudo isso* (Salles, 2022). O nada, na limitada perspectiva colonial, é o bioma mais complexo do planeta com cerca de 10% de toda a biodiversidade da Terra, um lugar tão misterioso, labiríntico e extraordinário como o universo (Marques, 2023). O tudo é um uma imensidão de terra em pasto, com uma ou outra castanheira solitária a fazer sombra para um gado salpicado no amargo descampado amazônico (Salles, 2022).

A síntese colonial simplificou uma das redes de cooperação biológica mais sofisticada do planeta em mera razão produtiva. Criaram cidades inteiras de costas para as florestas, não as incorporaram em suas arquiteturas, fazendo das matas uma inimiga inegociável à vida moderna (Salles, 2022). O maior patrimônio da vida na Terra minimamente está pertencido à vida social urbana amazônica, não estando presente nas narrativas diárias de seus povos urbanos. Fomos educados por pedagogias coloniais da amnésia política (Autor, 2022), do armário da sexualidade (Junqueira, 2013), do culto eurocêntrico (Santos, 2019). Fizeram de nós pessoas marginalizadas de nossas próprias histórias. Colocaram em esquecimento os saberes milenares dos povos originários que há tempos imemoriais defendem o chão verde do mundo com sabedoria e humildade que garantiram a sustentação da vida por vastidão de anos. Resulta desse caos a impossibilidade de amar, pois é



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

praticamente impossível se render de encantamento e amor àquilo que desconhece. Somos hoje, povos ainda por conhecerem a mãe Amazônica.

Caso vislumbremos sentido nesses processos de dominação das subjetividades e da Natureza, de algum modo seremos levados a crer que a opressão, embora violenta e severa, ainda não foi capaz de concluir seu projeto colonial, pois no limite da catástrofe corre um rio de vida que ainda não secou, há uma faixa de terra sagrada e intocada de onde levanta o espírito ancestral que carrega a força do Sol e da Lua. Esse espírito é Tupana, Jaci, Tupã, Cristo, é Oxóssi, é toda grande vibração de amor e vida, é o mistério do Universo em lampejo de eternidade. Do extraordinário sagrado das florestas, dos rios, dos animais entranhados no verde denso amazônico, que vem a força que resiste ao declínio e impulsiona a sermos o milagre do mundo, os curandeiros e curandeiras da terra, a seguirmos rumo a identidades genuinamente nossas, pois este é o momento adequado para reavermos o que nos foi retirado. Este é tempo para elaborarmos os sentidos do que de fato é ser povo amazônico, de construirmos identidades intimamente alinhadas à pluridiversidade de nossa Casa Mãe. É justamente agora, quando estamos em carne viva e vivendo sob as expectativas da conclusão do declínio humano, que a compreensão profunda do que significa ser amazônida ganha maior relevância, já que a restauração da vida planetária depende significativamente do que ocorrer em nossos territórios ainda neste decênio (Marques, 2023).

O retrato da atual crise planetária é a garantia de que não somos sem que os demais sejam, que não vivemos sem que os demais vivam, que morremos se os demais morrem. Nós estamos na carne do outro, e não apenas nos conectamos com suas almas, somos parte de seus espíritos, assim como eles são parte de nós. A divisão dos seres em espécies pertence mais à didática produzida pelos limites de nossa



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cognição do que à realidade. O que existe é a vida e somos a vida enquanto estamos no mundo, e a vida é a respiração quente, fria, seca, molhada, rápida, lenta, feroz e pacífica de todos os habitantes da Terra.

Somos a Terra.

A humanidade agora parece assustada ao perceber que anoiteceu. Não viram o tempo passar e o sol perder lugar para a noite fria e crua. Mas nós estávamos de olhos abertos e com a carne tremendo enquanto testemunhávamos os últimos raios púrpuras de luz lutarem contra a noite selvagem e “infreável”. Como se não se lembrassem que a luz existiu e que a vida reinou, como se não se lembrassem do dia em que devoraram a terra, agora clamam por salvação, como se a misericórdia e a cura devessem vir do corpo ferido e não das mãos que impuseram a dor.

Necessitamos da luz, mas o caminho da glória passa pela reconquista do que a escuridão de nossa ganância levou. Podemos encontrar a salvação se convertemos nossas trevas pessoais em luz, mesmo que em apenas centelhas, pois toda forma de cura vem da cooperação. Nem mesmo a chama mais ardente será capaz de sozinha nos guiar de volta para casa, nossa permanência na Terra depende da união de milhões de pequenas gotas de luzes; é a cooperação o clarão que poderá garantir nossa sobrevivência.

Que nossa violência seja a esperança e o amor. Que nossos excessos sejam apenas de vida. Que a herança deixada para nossos filhos, e para os filhos de nossos filhos, e para o último dos nossos filhos, seja uma Casa linda e repleta de amor. E que nossos corpos um dia possam descansar no colo eterno da Mãe Terra, o único lugar pelo qual vale a pena viver e morrer.

Psicologia do Bem Viver: ainda podemos amar

Acredito que ainda há luz, o dia não terminou e os vencedores não foram declarados. É certo que a terra foi ferida. É certo que foram nossas mãos que vibraram no corpo da Natureza a adaga da morte. É certo que



Revista AMAZônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

a terra precisa ser curada. Mas é certo também que nós podemos ser os curandeiros e curandeiras e restaurar o que foi estilhaçado, iluminar o que foi eclipsado pela única narrativa colonial e refundar a pluriversalidade como princípio existencial, de recuperar a humanidade sepultada sob os escombros coloniais. Podemos isso e tudo mais, se regressarmos à Mãe. Se voltarmos ao pertencimento ao chão verde. Se fizermos o caminho do Teko Porã, o caminho dos saberes dos povos originários, o caminho do “Bem Viver”.

Há algum tempo tenho meditado e escrito sobre uma Psicologia do Bem Viver (Autor, 2021), há nisso evidentes riscos de propagação de modismos destituídos de substancialidade, riscos da recusa epistemológica por falta de suposta credibilidade acadêmica. Contudo, essa Psicologia nasce não por desejo ou oportunidade, mas como último caminho para a humanidade, pois o tempo em que vivemos nos pede que as questões socioambientais estejam em relevo em todas as dimensões da vida humana. Não é facultado à Psicologia, assim como não é para nenhuma outra ciência comprometida com a responsabilidade irrenunciável que possuem para com a manutenção da vida planetária, sensibilidade com intervenções rápidas e precisas em prol à proteção dos biomas do mundo.

A Psicologia do Bem Viver desafia a natureza do pensamento ocidental, sendo para nossa profissão a configuração de um saber ancorado na terra, capilarizado nos territórios naturais, enlaçado, como hifas orgânicas, na rede de resistências e cuidados das comunidades tradicionais, povos indígenas, afrodescendentes, ribeirinhos e outros mais saberes dos povos das florestas. Não se trata, portanto, da configuração de uma nova Psicologia, mas do engajamento radical da Psicologia nos movimentos já existentes em defesa da Amazônia e da Natureza como um todo.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nosso dever é encorpar as vozes que reivindicam o que de nós foi e é retirado. Reivindicar nossas florestas e o direito de viver em harmonia com a mãe terra, porque somos a natureza. Reivindicar os rios que serpenteiam este chão sagrado e levam, em fluido constante, a força da vida amazônica. Reivindicar nossa identidade amazônica, como filhos, filhas, herdeiros, herdeiras, guerreiros e guerreiras dessa terra, patrimônio material e imaterial da vida planetária. Reivindicar o direito aos nossos cantos, histórias, mitos, contos, encantados, orixás, enfim, toda diversidade cultural feita a muitas mãos e vozes que, geração após geração, construiu a teia de saberes amazônicos.

A Psicologia do Bem Viver evoca novos modos de lidar com as relações biopsicossociais do binômio saúde-doença, fomentando a Natureza como meio indissociado da saúde da vida humana e não humana. Trata-se de uma ciência e profissão consciente de sua responsabilidade com a transformação paradigmática de vida que toda a sociedade necessita fazer ainda nesta década, pois se há um grande desafio para Psicologia de nosso tempo, e certamente há, trata-se justamente da urgência de fazermos juntos e juntas uma Psicologia voltada ao cuidado radical com a vida na Terra, uma Psicologia do Bem Viver.

Não há nenhuma saída sensata e viável para a sobrevivência da vida na Terra que não passe pelos territórios Amazônicos. Talvez esse seja o primeiro momento de nossa história civilizacional que a vida do todo depende fundamentalmente da vida daqueles que foram tencionados às periferias existenciais. Se o mundo não tomar uma decisão concisa e imediata em proteção à Amazônia, todos perecerão, seja no tardio alvorecer da decadência capitalista em seu suicídio coletivo ou na morte prematura aos que já carregam as fraturas produzidas pela maldade da modernidade.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Cabe por fim, destacar que os instantes imediatos de nossas vidas não residem mais de na esfera de uma opção, ou somos uma ciência e profissão centrados no cuidado da Natureza, perpassados pelas lutas antirracista, anticapitalista, antipatriarcal, antiLGBTQIA+fóbica, ou não estamos atuando em defesa da vida, pelo simples irretorquível fato de que não existe humano sem natureza: ou somos BIOPSIKOSSOCIAMBIENTAL ou não somos nada. Ou somos uma Psicologia em defesa ativa à Natureza ou não passamos de uma engrenagem em perfeito funcionamento em benefício a instâncias exploratórias cujo destino reside no aniquilamento do nosso mundo.

Por fim, se a humanidade foi uma definição que oprimiu a diversidade da vida e nos impôs a ruína como destino, a Psicologia do Bem Viver não atua na reivindicação dessa humanidade aos que dela fora expropriados. A Psicologia do Bem Viver atua pela vida dos seres, pela superação do paradigma de humanidade, pela possibilidade de as pessoas viverem suas diferenças em harmonia com as diferenças de outros seres orgânicos e os inorgânicos de nosso planeta.

Pois, no ápice do tempo final ainda poderemos amar. E quando o amor for nossa definição, a vida nascerá dentro da terra e a luz incontida dos corações quebrados cairá sobre o mundo em avançado estado de profundidade sagrada. Saberemos, por fim, que somos unidos pelas mesmas raízes, que carregamos o mesmo olhar cansado e já despido de alguma esperança, mas ainda persistente em algo maior que toda dor conhecida. Algo cujo nome ainda não sabemos pronunciar seu nome, mas vemos existir na ordem divina de toda a vida. Amor é apenas o começo.

Referências

Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.

Barros, J. D'A. (2009). *Cristianismo e política na Idade Média: as relações*



Revista AMAZônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entre o papado e o império. *Horizonte*, 07(15), 53–72.

- Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Livraria Sá da Costa Editora.
- Diop, C A. (1955). *A origem africana da civilização: mito ou realidade*. Présence Africane.
- Dussel, E. (1992). *1492. O encobrimento do outro: a origem do mito a modernidade*. Vozes.
- Fanon, F. (1968). *Os Condenados da Terra*. Editora Civilização Brasileira.
- Federic, S. (2004). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Ubu.
- Fernandes, E. G. & Missiatto, L. F. (2021). Por uma clínica psicológica descolonizada e descolonizante: relações raciais, de gênero e o Bem Viver como horizonte ético-político. In Eliane Gamas Fernandes, Fabrício Ricardo Lopes, & Leila Gracieli da Silva (Org.), *Insurgências amazônicas: saberes e fazeres em Psicologia* (pp. 120–136).
- Galeano, E. (2010). *As veias abertas da América Latina*. L&PM.
- Gil, B. (2023). *Quem vai fazer essa comida? mulheres, trabalho doméstico e alimentação saudável*. Elefante.
- Goff, J. L. (2007). *O deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*. Civilização brasileira.
- Gumbrech, H. U. (2020). *El espíritu del mundo en Silicon Valley: Vivir y pensar el futuro*. Planeta.
- Junqueira, R. D. (2013). Pedagogia do armário: a normatividade em ação. *Revista Retratos Da Escola*, 07(13), 481–498. <https://pt.scribd.com/document/341301397/Pedagogia-do-armario-Rogério-pdf>
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, 22(03), 935–952.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Lugones, M. (2020). Colonialidade e gênero. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Bazar do Tempo.
- Marques, L. (2023). *O decênio decisivo: propostas para uma política de sobrevivência*. Elefante.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da inimizade*. Antígona.
- Missiatto, L. A. F. (2020). Diferença ontológica: a dicotomia humana como espaço de produção da diferença colonial. *Revista Epistemologias Do Sul*, 04(01), 22–45.
- Missiatto, L. A. F. (2022). Pedagogia dos esquecimentos, memoricídio e Direitos Humanos: discussões emergentes em um mundo de desigualdades. In Sardinha, A. C.; Silva, D. J. de S. & Diniz, R. E. (Org.), *Ensino de História e Educação em Direitos Humanos: sujeitos, agendas e perspectivas de pesquisas*. UNIFAP.
- Missiatto, L. F. (2021). *Colonialidade Normativa*. Appris.
- Salles, J. M. (2022). *Arrabalde: em busca da Amazônia*. Companhia das Letras.
- Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica Editora.

Autor

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto

Doutorando em Psicologia Clínica (Unisinos). Mestre em Psicologia (Unir). Especialista em Terapia Familiar Sistêmica (Cefatef). Bacharel em Psicologia (UniFacimed). Docente da Escola da Magistratura de Rondônia (Emeron). Analista Processual em Psicologia no Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO). E-mail: leandro.missiatto@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6532-735X>